

REVOLUCÕES DE OUTUBRO¹

Antônio Ferreira Felix²

RESUMO

O artigo traça de forma breve a evolução da vida passando pelas esferas inorgânica, orgânica e social. Faz o registro dos três grandes períodos pelos quais vive a humanidade, selvageria, barbárie e civilização. Trata dos modos de produção antiga, escravista, feudal e capitalista e da transição ao socialismo via revolução de outubro a que ocorreu na União Soviética em 1917. Localiza o papel das Internacionais e a crise de direção do proletariado mundial e a permanência da luta de classes como motor da história e as revoluções como instrumento de transformação e a construção do novo. Registra a necessidade de um partido do tipo bolchevique que organize e direcione a classe operária ao mesmo tempo seja capaz de educar e selecionar dirigentes que se mantenham firme na condução da evolução até a vitória do socialismo.

Palavras chave: Capitalismo; Revolução; Socialismo.

REVOLUCIONES DE OCTUBRE

RESUMEN

Esta investigación traza de forma breve la evolución de la vida pasando por las esferas inorgánica, orgánica y social. Hace el registro de los tres grandes períodos por los que vive la humanidad, salvajismo, barbarie y civilización. Se trata de los modos de producción antigua, esclavista, feudal y capitalista y de la transición al socialismo vía revolución de octubre a la que ocurrió en la Unión Soviética en 1917. Localiza el papel de las Internacionales y la crisis de dirección del proletariado mundial y la permanencia de la lucha de clases como motor de la historia y las revoluciones como instrumento de transformación y la construcción de lo nuevo. Registra la necesidad de un partido del tipo bolchevique que organice y dirija a la clase obrera al mismo tiempo sea capaz de educar y seleccionar dirigentes que se mantengan firmes en la conducción de la evolución hasta la victoria del socialismo.

Palabras clave: Capitalismo; Revolución; Socialismo.

¹ Parte do texto desse artigo compôs a apresentação de nossa primeira qualificação de doutorado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará sob a orientação de Maria Susana Jimenez.

² Doutorando em educação brasileira pela Universidade Federal do Ceará na Linha Marxismo Educação e Luta de Classe, E- LUTA/UFC.

Dos seres que se desenvolveram na face do planeta terra, o homem, em certa medida, por se distanciar e ao mesmo tempo não se separar da natureza, se localizando na esfera do ser social, (LUKÁCS, 2010) isto é, dotado de consciência e desejo pode ser considerado o único que por um conjunto de fatores objetivos e subjetivos suscitados pelo progresso histórico de manutenção da vida pelo trabalho, homem e natureza em unidade com a melhor forma de preparação e execução desse trabalho para garantir o atendimento das necessidades, pôde alcançar um domínio bem próximo do absoluto na produção dos elementos que garantem a sua existência. E isso não é qualquer coisa, pois, temos como base que todos ou quase todos os progressos da humanidade estão relacionados direta ou indiretamente com as formas de desenvolvimento e ampliação das fontes de existência diante do domínio do homem sobre a natureza.

Desse modo, registramos que a selvageria, período de predominância da caça e da pesca, sendo os esforços de produção no sentido de assegurar essas atividades, onde a invenção do arco, da flecha e da canoa somados a outros instrumentos que serviram à caça e à pesca tornou possível a superação da selvageria. Assim como a agricultura, a domesticação de animais e o domínio da metalurgia forneceram as condições para a superação da barbárie. Como também a chegada à civilização é marcada pela criação da agricultura irrigada, do arado de ferro, da arma de fogo e da escrita, embora saibamos que a passagem de um estágio a outro não se deu de forma absoluta e em todos os lugares ao mesmo tempo, pois esses três estágios pelos quais a humanidade registra a sua luta permanente para produzir e reproduzir a sua existência em confronto com a natureza tem o firme propósito de coexistir.

Assim destacamos que diante do enorme domínio do homem sobre a natureza com possibilidade e ao mesmo tempo capacidade de mobilizar um parque industrial sem igual, distanciando-se e superando as relações dos períodos de coleta de alimentos, como também da domesticação de animais e agricultura (ENGELS, 1987), ainda exista atualmente práticas sociais só engendradas sob os limites impostos pela força da natureza aos exíguos recursos desenvolvidos pela ação humana, mas inconcebíveis na contemporaneidade com tamanho domínio da técnica e da ciência. Contudo ainda convivemos com a fome, as guerras e doenças curáveis que se abatem sobre a humanidade.

Quando a escravidão do mundo antigo se desintegra, deixando de ser o modo de produção dominante, já que este não mais se adequava às mudanças engendradas por um modo de vida que não suportava mais a escravidão, pelo fato dessa organização não garantir nem mesmo a vida dos escravos, surge o feudalismo, que por sua vez, ao se fragmentar em pequenos Estados com uma economia estanque de autossuficiência, dificultava os avanços econômicos e sociais, impedindo, dessa forma, o desenvolvimento das forças produtivas forjadas pelo curso do progresso advindo do aperfeiçoamento das técnicas de produção e que ganhariam supremacia com o modo de produção capitalista, a partir do século XV, sobretudo na Europa, atingindo o seu maior salto qualitativo na Inglaterra no século XVIII, com a primeira revolução industrial. Portanto, somados quase três séculos, esse modo de produção alça um voo mais alto na economia, mas ainda não tem plumagem suficiente para alcançar o poder político, o que se tornaria possível em uma escala continental após a Revolução Francesa (1789).

Esse deslocamento do artesanato, passando pela manufatura e atingindo a indústria avança para toda a Europa e aos demais continentes, porém, em proporções convenientes aos anseios dos países precursores da industrialização, assumindo os métodos organizacionais que convergiam para os interesses dos países mais desenvolvidos, sendo, ainda, moldados pelos limites históricos de cada região.

A produção artesanal, onde o produtor era dono dos meios de produção e do produto, isto é, o trabalhador detinha em suas mãos os resultados do seu trabalho, foi substituída pela manufatura, momento em que o produto não pertence mais ao seu produtor e sim a um outro, que organiza e controla o processo de produção. Toda essa mudança vai imprimir uma nova dinâmica social, onde o modo de produção que tinha como fator determinante o próprio indivíduo avançaria cada vez mais para a produção coletiva ao tempo das máquinas.

A primeira revolução industrial introduziu as máquinas a vapor, tendo como combustível o carvão mineral. Com a expansão da industrialização e da escala produtiva, novas formas de energia foram incorporadas como o petróleo e a energia elétrica. Mais tarde, a automação, a robótica e a cibernética ganharam os espaços produtivos, passando a ditar o ritmo da produção, exercendo controle sobre o tempo e sobre as ações humanas.

Até aqui narramos milênios da história humana na terra. Contudo, é preciso registrar que, com exceção do período primitivo, marcado pela divisão comum dos meios de sobrevivência e da não existência de classes sociais e da propriedade privada, toda a história da humanidade é marcada pela luta de classes, desde o mundo antigo com a escravidão, passando pela servidão feudal ao modo de produção capitalista na contemporaneidade, isto é o que nos asseguram Marx e Engels no *Manifesto Comunista*:

A história de todas as sociedades existentes até hoje tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, têm permanecido em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária de toda a sociedade, ou pela destruição das duas classes em luta. (2005, p.40)

Até as primeiras décadas do século XIX não existiam estudos voltados para a explicação do passado da humanidade, em seu funcionamento social, progresso e passagem de uma forma societária à outra. Os modos recorrentes de interpretar a dinâmica social era, por um lado, a justificativa divina, isto é, a vontade de Deus comandando os desígnios do homem, por outro, era obra de grandes homens ou de grandes ideias, como os determinantes do existir e do devir social.

Essa situação muda completamente com Marx e Engels nos anos 40 do século XIX ao formularem a primeira interpretação materialista e científica da humanidade, onde, partindo da compreensão das condições materiais da existência dos homens em suas vidas concretas, como comiam, bebiam, vestiam e moravam, ou seja, como produziam o que necessitavam, como se relacionavam uns com os outros e com a natureza na produção dos elementos garantidores de sua existência, e, por fim, como e por qual mecanismo funciona a sociedade sob a égide do capital e da produção de mercado imperante em seu tempo.

A partir desse momento, tem-se não somente uma explicação científica para o suceder das sociedades ao longo do passado, como também uma elaboração de uma alternativa ao capitalismo, o socialismo. Essa alternativa não brotara pura e simplesmente da vontade, do desejo, da imaginação e das fantasias da mente humana, mas da realidade dominada pelo antagonismo entre as classes, possuidora e despossuída, exploradora e explorada, pois a burguesia, ao ascender como classe dominante, como classe revolucionária, arrastou consigo uma outra classe, o

proletariado, aqueles que levam o mundo capitalista nos ombros, da mesma forma que os escravos sustentavam o mundo antigo e os servos o feudal.

Se, por um lado, o homem se revela como um ser capaz de produzir a sua própria existência e o faz com o esplendor revolucionário quando converte a produção individual em produção social, depois de passar pela condição de coletor e caçador, onde dependia totalmente do meio ambiente (primitivismo), criando a agricultura e a domesticação dos animais, com o domínio das técnicas de irrigação, da metalurgia e da escrita (civilização), portanto saindo da dependência total do meio ambiente, transpassando o estágio da cooperação simples, artesanal, à manufatura e, por fim a grande indústria. Isso significa que a produção das condições de existência saltara da utilização de meios individuais para meios sociais, produção coletiva como força social concentrada. Assim:

[...] os meios de produção e a produção foram convertidos essencialmente em fatores sociais. E, no entanto, viam-se submetidos a uma forma de apropriação que pressupõe a produção privada individual, isto é, aquela em que cada qual é dono do seu próprio produto e, como tal, comparece com ele ao mercado. O modo de produção se vê sujeito a essa forma de apropriação, apesar de destruir o pressuposto sobre o qual repousa. [...] (ENGELS, 2008, p.98).

É possível perceber que, mesmo mudando de forma espetacular o modo de produção, não se alterou o modo de apropriação, que se manteve individualizada, porém, uma coisa é se apropriar do que você produziu, outra é se apropriar do resultado do trabalho alheio. Portanto, os dois momentos que estão em unidade, porém distintos, compõem o mesmo processo da produção se alterando radicalmente, ao tempo que encerram uma contradição de proporções astronômicas. Contendo em seu cerne as raízes de todos os conflitos do nosso tempo, de forma que:

[...] quanto mais o novo modo de produção se impõe e impera em todos os campos fundamentais da produção e em todos os países economicamente importantes, afastando a produção individual, salvo vestígios insignificantes, maior é a evidência com que se revela a incompatibilidade entre a produção social e apropriação capitalista. (ENGELS, 2008, p.99).

Então, a sociabilidade humana no atual estágio pelo domínio das ciências, das tecnologias, pela evolução cultural e, sobretudo, pelo desenvolvimento das forças produtivas com amplo domínio sobre a natureza, pode, considerando os limites históricos, produzir comida, bebida, vestimentas e moradias em quantidade e

qualidade para toda a espécie humana na face da terra e, assim, dar os primeiros passos para o reino da liberdade.

Por que isso não se materializa, não se torna real na vida das pessoas? Pelo contrário: no momento atual vivemos afogados na mais brutal degradação humana, devido às guerras, à violência urbana, à fome, à miséria, à corrupção, ao alcoolismo, ao infanticídio, ao feminicídio, à prostituição adulta e infantil, ao suicídio, à demência e à mendicância e mais uma infinidade de crimes e vícios que a todo momento são engendrados pela forma organizacional que contém em sua essência, a atenção aos ditames da acumulação privada da riqueza.

Como transformar essa realidade inaceitável? Até agora nos referimos ao momento das relações do homem, principal força produtiva, com a natureza, ou seja, das forças produtivas. Tratamos um pouco das relações de produção, que trazem em sua essência a sociedade dividida em classes, a propriedade privada dos meios de produção e trabalho assalariado, onde uma classe detém o poder econômico, material e espiritual, e outra, que pela sua condição, é obrigada a vender a sua força de trabalho para garantir sua sobrevivência.

Os complexos sociais que mesmo estando em unidade com o trabalho, em que se localizam as forças produtivas centrais homem-natureza, e com as relações de produção, lócus das relações dos homens entre si divididos em classes como: lavradores e latifundiários, operários e industriais são formados por indivíduos que não estão diretamente ligados à produção, mas sim, em administrar as vidas dos próprios indivíduos, daí a existência dos governos, dos militares, dos padres, dos professores, dos juizes e dos políticos, todos em suas respectivas instituições: exército, partido, igreja, sindicatos, tudo para organizar e desenvolver suas funções que não são apenas econômicas, mas que envolvem o funcionamento de toda a sociedade com suas atividades econômicas, políticas, sociais e culturais.

Agora, puxo o espinhel da história e vejo da bala que silenciou Robespierre, o grande eloquente do radicalismo jacobino e tão fundamental para a Revolução Francesa nos seus princípios de ruptura e ascensão da burguesia como classe politicamente dominante, bala que, assim como a guilhotina que ceifou sua vida, não foram postas em ação somente pelo exercício da razão, mas por forças contrarrevolucionárias e conservadoras, presentes no palco revolucionário, as marretas que colocaram abaixo o muro de Berlim, acontecimento que propiciou a

confusão entre o fim da União Soviética e o fim da proposta marxista, como também não pude deixar de ver as barricadas de 1830 na França, o sangue dos *Comunards* de 1871, em Paris, o assalto ao Palácio de Inverno do czar pelos bolcheviques na Revolução Russa de 1917, que permitiu a criação do primeiro Estado Operário da história, os bombardeios das duas guerras mundiais e, por fim, a onda que sacudiu o norte da África e o oriente médio, conhecida como Primavera Árabe, e resultou na queda de ditaduras que já perduravam por décadas. Contudo, sem uma direção forte e isolados pelo imperialismo americano e europeu, os levantes perderam força, o que culminou na sangrenta guerra síria que se arrasta por seis anos, diante da ditadura de Bashar AL Assad.

Do resultado dessa pescaria histórica, dois momentos precisam transcorrer em águas límpidas, mesmo que de forma breve. Isso porque eles nos ajudarão a entender a nossa pescaria, pois todos os peixes, tanto os grandes quanto os pequenos, são produtos do mesmo oceano, a existência da humanidade dividida em classes e a luta de classes.

Começaremos pela Revolução Francesa (1789), momento em que a burguesia, fortalecida pelos séculos de acumulação primitiva de capital, sente-se suficientemente aguerrida para dirigir os camponeses e os operários na tomada da Bastilha, símbolo do absolutismo, e contra o antigo regime de práticas feudais, imprimindo seus objetivos ao curso revolucionário. Porém, depois de pesadas e medidas, as forças revolucionárias deságuam novamente na concentração de poderes nas mãos de um monarca absoluto, Napoleão Bonaparte, um jovem general que assumiu o poder com o lema: pacificar, organizar e desenvolver, projeto que veio ao encontro dos interesses burgueses.

Que explicação a história nos traz para a incompatibilidade entre o dispêndio de tamanhos esforços e o resultado da revolução que pareceu terminar no mesmo ponto em que partiu? Na arena da luta de classes, no momento da Revolução Francesa podíamos encontrar: os conservadores, que lutavam pela manutenção das condições econômicas e políticas do feudalismo e pela segurança da autoridade de origem divina encarnada nos reis; os revolucionários radicais jacobinos, que pretendiam conduzir a revolução em conformidade com os anseios dos camponeses e operários e, por fim, a burguesia, classe dirigente que tinha a pretensão de destruir somente os obstáculos que dificultavam o seu domínio como classe hegemônica.

Perante a revolução, a burguesia contou com uma enorme contribuição dos revolucionários jacobinos que em seu radicalismo pôde romper com as estruturas do antigo regime como a economia estanque e fragmentada, baseada na produção artesanal individualizada ou, no máximo, nas limitadas manufaturas dentro de uma sociedade estática, dividida em clero, nobreza e servos, contudo, precisou conter as forças radicais jacobinas de modo a impedir que estas impulsionassem a revolução para além da superação daqueles obstáculos, e, dessa forma, oferecessem um caminho alternativo para revolução.

Do choque dessas forças em luta, a burguesia, classe que no momento histórico continha o cerne das transformações, levou todas as classes em luta novamente para o absolutismo, claro que um tipo de absolutismo diferente, isto é, burguês. Assim, por conseguinte às transformações implementadas por Napoleão, a indústria como produção social tomou a dianteira na economia, afastando-se do artesanato e da manufatura, que passaram a atuar como complementos produtivos, deixando de ser as formas predominantes de produção, como o eram até o século XVIII no continente europeu.

Seguindo o curso, o poder burguês se consolidou no século XIX, depois das revoluções de 1830 e 1848, com a ascensão da burguesia não só no campo econômico, como também no campo político e cultural, com o poder da ciência e da razão, ciência baseada no empirismo inglês e a razão fundamentada pelo iluminismo racionalista da França e da Alemanha, com Immanuel Kant, que mais tarde teria algumas de suas ideias incorporadas por Hegel, que logo foi posto à prova pelo materialismo dialético de Marx e Engels, os formuladores do socialismo científico como projeto de transição ao comunismo, que seria a forma de organização alternativa ao capitalismo, que no século XIX apresentava sinais de esgotamento, mas que ainda resiste diante de tantas contradições em pleno século XXI.

Depois da Revolução Francesa, vamos ao outro resultado importante da pescaria, a Revolução Russa de 1917, em que os camponeses e os operários, diante da fome, das tensões da Primeira Guerra Mundial e da concentração de terras nas mãos das oligarquias latifundiárias, iniciaram um combate pela defesa do pão, da paz e da terra, o que pôs o proletariado em luta sob o comando do Partido Bolchevique, até a vitória da revolução, dando, assim, os primeiros passos na construção do socialismo e na destruição do capitalismo.

Porém, depois de três quartos de século, em 1989, com a queda do muro de Berlim, essa revolução volta novamente ao pondo de partida, diante da restauração do capitalismo, pelas mãos do stalinismo, o que passou à história como a morte do socialismo real e o triunfo da organização capitalista, que, portanto, teria confirmado a sua superioridade e lançado para a sociedade a afirmação de que esse modelo de organização social era o fim da história, ou seja, a espécie humana teria que se adaptar, acomodar-se, adequar-se de uma vez por todas ao capitalismo e ao seu deus todo-poderoso mercado mundial.

Nesse contexto, é posto em xeque a validade da luta de classes, dos partidos revolucionários e da luta pelo poder, pois, no horizonte, temos apenas uma perspectiva: a produção social e a apropriação individual da riqueza, a sociedade dividida em classes, com a predominância da propriedade privada e do trabalho assalariado com um Estado coercitivo funcionando para manter os interesses burgueses.

Essas ideias do capitalismo como estágio supremo da humanidade não encontram respaldo na história concreta, pois vejam que assim como na Revolução Francesa, as forças em luta, movidas pelas contradições sociais, não avançaram para o triunfo dos radicais, porque os elementos da realidade não estavam colocados de forma que pudessem comportar tal desfecho, como também a permanência das condições feudais não tinha bases para continuar. Dessa forma, as forças em luta encontraram um caminho com o bonapartismo, sistema em que não era diretamente observável a hegemonia política de uma classe, mas sim um governo personalista despótico que com o seu autoritarismo realizou uma transição ao regime liberal burguês.

As forças postas em movimento pelas contradições sociais existentes no mundo real incorreram na superação do modo primitivo de vida nos primórdios do desenvolvimento humano quando o escravismo se mostrou com força para dirigir a sociedade. Da mesma maneira ocorre quando a escravidão não consegue mais dirigir os processos sociais, suplantada pelo sistema feudal, que, por sua vez, pelas forças em luta empurradas pelas contradições internas a esse sistema, entra em decadência e cede lugar ao capitalismo, primeiro comercial, depois industrial e por fim financeiro o que é a soma dos dois primeiros acrescida de especulação econômica.

Na Revolução Russa, vamos recorrer ao materialismo histórico-dialético para demonstrar a permanência do movimento, o que nos garante que tudo que existe nem sempre existiu da forma que se apresenta e deixará de existir da forma como está, passando a ser outra coisa que contém em sua essência os elementos das transformações necessárias para continuarem existindo em permanente mudança.

Na Rússia, duas forças se enfrentavam após a morte de Lênin: o Stalinismo, com a sua máxima expressão na defesa do socialismo em um só país, e o Trotskismo, com a revolução permanente, com um programa de transição assegurando que o socialismo só poderia triunfar de forma internacional, ou seja, se expandindo mundialmente.

A União Soviética não estava isolada do mundo nem antes nem depois da revolução, sendo que o stalinismo e o trotskismo se revelaram como resultante dos confrontos do capitalismo com o Estado operário em construção, quando este ainda colocava as primeiras pedras do edifício socialista. Diante das circunstâncias, o capitalismo coexistia na figura de Stalin e na sua política de burocratização e degeneração do Estado operário, enquanto que ao mesmo tempo as forças da revolução socialista ainda resistiam na figura de Trotsky com sua defesa da revolução permanente. Infelizmente o capitalismo venceu ao ser restaurado, colocando de certa forma a revolução em condições análogas às que motivaram a sua existência.

O interessante é que podemos dizer que, de certa forma e, somente de certa forma, as duas maiores revoluções políticas que colocaram no centro a luta pelo poder e qual classe dirigiria os comandos da sociedade começaram e terminaram no mesmo ponto. A francesa no absolutismo e a russa no capitalismo. Quando afirmamos que isto se deu de certa forma, procuramos somente não nos esquecer da máxima do clássico mundo grego vindo de Heráclito que ninguém entra em um mesmo rio duas vezes, quando isso acontece já não se é o mesmo, nem as águas são as mesmas.

Significa que o absolutismo que deu início à Revolução Francesa não é o mesmo forjado pela burguesia para assegurar seus planos de se transformar em classe dominante, assim como o capitalismo restaurado na Rússia e no Leste Europeu não é o mesmo que alimentou a revolução no início do século XX, porque as águas dessa revolução trouxeram um Estado diferente do teocrático, do

escravista, do feudal e do capitalista. O Estado Operário, que sob a ditadura da classe operária se situava como transicional, ou seja, um Estado autoritário, que talhado com esmero desapareceria com sua couraça autoritária e asseguraria a liberdade, não como por encanto, mas construído a duras penas, pois como nos lembra o velho revolucionário Leon Trotsky a liberdade não é uma abstração supra histórica, não está acima da história, sendo, portanto, uma construção humana, que, pela via da autoridade e da violência, faria nascer a paz e a liberdade humana, do jeito que dos espinhos pontiagudos que ferem e machucam quem os toca podem nascer rosas suaves e belas que alimentam e embelezam a vida.

É preciso buscar na história o entendimento do passado, a compreensão do presente e as possíveis previsões para o futuro. Compreender o movimento da história iniciando pela escravidão do mundo antigo, passando pelo feudalismo até a predominância do capitalismo na contemporaneidade, colocando a possibilidade e a necessidade de superação deste pelo socialismo em uma transição ao comunismo.

Temos que recorrer à história da luta de classes e assim como nada está dado *a priori*, não é possível assegurar que a humanidade caminhará no sentido do progresso permanente e linear, isto é, também pode haver retrocessos, destruição e degeneração da humanidade, dependendo das forças em luta e das escolhas entre alternativas postas pelas condições materiais, objetivas e subjetivas da luta de classes.

Os escravos lutaram de forma tenaz para se libertar do jugo da escravidão. Os servos da mesma forma resistiram à opressão e à dominação, assim como a classe operária e trabalhadora de todo o mundo luta em toda parte contra a exploração econômica, a opressão social e a dominação política exercida pela burguesia, que se aprofundam no atual estágio da história contemporânea, do capital em crise (MÉSZÁROS, 2002).

A sociedade feudal era marcada por sua condição fragmentada em pequenos Estados, o que determinava seus limites tanto sociais e políticos quanto econômicos, impondo barreiras às possibilidades de expansão das forças produtivas, em que todos esses entraves impostos pela fragmentação social colocaram a possibilidade e a necessidade da revolução burguesa, que ao triunfar sobre o modo de produção feudal pode superar as formas fragmentárias e se consolidar como classe hegemônica mundial, portanto, estabelecendo a primeira

economia mundial, em um mercado mundial marcado pela divisão internacional do trabalho e de intercâmbios de mercadorias. Tudo isso permitiu um gigantesco progresso da humanidade.

Contudo, apesar do enorme desenvolvimento, essa forma organizativa se sustenta na exploração, na opressão e na dominação por parte de uma minoria possuidora dos meios de produção sobre uma imensa maioria despossuída, e isso não é razoável e nem aceitável, daí a resistência dos explorados. Como o capitalismo é mundial, não sendo possível que um país se isole economicamente, empurra forçosamente uma resistência internacional, por todo o mundo, por toda parte dos explorados.

A dominação da economia capitalista em todo o mundo, que aumenta cada vez mais, avançando, por outro lado, com sua atual fase de decadência imperialista, leva à necessidade da construção de uma organização em todo mundo pelos trabalhadores, assim como foi a III internacional, ou seja, a resistência precisa ser internacional.

Por mais de um século e meio, essa resistência da classe operária forjou organizações de combate para a superação do capitalismo em escala mundial e para a construção do socialismo no mundo. Porém, as forças nesse sentido ainda não foram suficientes para esse feito, e o capitalismo ainda resiste mesmo em crise. Contudo, isso não significa que a classe operária foi derrotada ou desistiu dos meios para transformar o mundo para uma condição social superior.

No entanto, a falta de uma organização mundial forte para a revolução e a crise de direção precisam ser entendidos nos marcos dos últimos acontecimentos, o que perpassa pela história das Internacionais Comunistas, da fundação da primeira, em 1864 com Marx e Engels, unidade de coesão operária que não surgiu do nada, ou seja, veio de organizações como “Sociedade dos Democratas Fraternalis” (1845); “Liga Comunista” (1848) e “Comitê Internacional” (1850). Porém, tendo que organizar a luta contra os inimigos de classe e ainda combater os opositores dentro da internacional que defendiam ideologias pequeno-burguesas, com atuações sectárias e oportunistas, essa primeira organização sucumbiu, sendo dissolvida em 1878 depois de enfrentar os anarquistas e o peso da derrota da Comuna de Paris de 1871.

A Segunda Internacional, fundada por Engels em 1889 (Marx já havia morrido em 1883), também teve que enfrentar o oportunismo e o sectarismo. Contudo, foi com a derrota da revolução de 1905, na Rússia, e a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em que os partidos operários formalizaram uma aliança com a burguesia de seus países, isso por um fim patriótico de defesa nacional, que a II Internacional encontrou sua degeneração em 1914.

A III Internacional, fundada em 1919, tendo à frente Lênin e Trotsky, resistiu até 1943, quando foi dissolvida por Stalin a pedido de Winston Churchill na época 1º ministro da Inglaterra. Essa organização, tendo como base a Revolução de 1917, passou por momentos como a Guerra Civil Russa (1918-1920), a derrota da Revolução Alemã, em 1923, a derrota da Revolução Chinesa, em 1927, e pela ascensão de Hitler, em 1933, sem falar do assassinato de Rosa Luxemburgo, Karl Leibcknecht, Trotsky e da morte prematura de Lênin.

A IV Internacional é construída sobre os escombros da III e diante dos processos de Moscou, da Guerra Civil Espanhola e do avanço do nazismo na Alemanha em 1938, em Paris, às vésperas da Segunda Guerra.

Depois da morte de Trotsky, em 1940, principal personagem da criação da IV Internacional, a mando de Stalin e depois do fortalecimento do stalinismo após a vitória sobre os nazistas em Stalingrado, conhecida como a derrota histórica do nazismo, na Segunda Guerra Mundial, a Internacional Comunista passou a trilhar por políticas capituladoras e métodos organizativos alheios ao marxismo revolucionário, o que culminou em rupturas e dispersões, portanto, para um processo de destruição do partido mundial da revolução socialista. Porém, ao mesmo tempo, surge a necessidade de sua reconstrução, para assim botar de pé o único instrumento capaz de garantir uma revolução vitoriosa do proletariado e dos primeiros passos para a construção do socialismo em escala mundial.

Discorreremos sobre três momentos ou fases da história, tendo como referência a existência do modo de produção capitalista: uma primeira marcada pelas revoluções burguesas, momento em que a burguesia buscava se afirmar com o seu sistema de produção capitalista; uma segunda, quando o capitalismo busca se acomodar por meio de reformas, onde há uma predominância do capitalismo de livre concorrência, o que possibilitou o desenvolvimento das forças produtivas, permitindo conquistas por reformas pelos trabalhadores em luta, desde que essas concessões

não pusessem em perigo a própria sobrevivência do sistema e finalmente uma terceira fase que se inicia com a Primeira Guerra Mundial em 1914, denominada por Lênin como o estágio superior do capitalismo ou imperialismo. Esse é o momento em que o mundo entra em decadência, as forças de produção se tornam forças de destruição, ou seja, as forças produtivas se chocam com as relações de produção capitalistas:

Na impossibilidade de socializar os benefícios advindos do desenvolvimento das forças produtivas, na forma de uma sistemática redução da jornada de trabalho e da subordinação da produção ao atendimento as necessidades dos trabalhadores, a destruição de riqueza impõe-se como o único meio de restaurar as condições para a retomada do processo de acumulação. (SAMPAIO JUNIOR, 2009, p. 8)

O capitalismo não pode mais realizar reformas de maiores durações, o que tem como consequência a piora das condições de vida da classe trabalhadora e do povo pobre em todo o mundo. E a tudo isso se soma uma destruição brutal da natureza e da vida em geral no planeta.

Quando Marx, em sua obra basilar *O Capital*, busca compreender a estrutura e o funcionamento das leis fundamentais que regem o capitalismo, portanto a sociedade burguesa. Ou seja, este autor não busca somente entendê-las, mas, sobretudo, encontrar provas de que esse modo de produção contém em sua essência a possibilidade e a necessidade de sua superação.

O método materialista dialético de Marx que busca captar o movimento social em sua plenitude, abarcando os fenômenos no devir, na sua essência e no seu desaparecimento, assegura que existiram modos de produção anteriores, ou seja, historicamente, que não existiam, passaram a existir, deixaram de existir e que, portanto, com um estudo e uma observação será possível perceber elementos que apontam para o surgimento do novo, o que sinaliza com formas nascentes para o futuro de mudanças

[...] se de um lado, as fases pré-burguesas se apresentam como pressupostos puramente históricos – ou seja, abolidos -, de outro as condições atuais da produção se apresentam com em via de abolir a si mesmas e, portanto, como em via de criar os pressupostos para um novo ordenamento da sociedade (ROSDOLSKY, 2001, p. 346).

A existência do modo de produção capitalista se choca tanto com os modos predecessores, escravo e feudal, como com uma futura organização socialista. Assim, dessa forma, se prevalecerem os ensinamentos do materialismo histórico-

dialético de que as formas mais desenvolvidas superam as menos desenvolvidas, da mesma forma que o escravismo sucumbiu ao feudalismo por este demonstrar força e razão para predominar, ao tempo que o feudalismo entrou em decadência frente ao capitalismo, que se mostrou superior para assegurar sua existência, este, ao se confrontar com formas nascentes do seu processo de contradição, aponta para a construção do novo, portanto para se transformar em algo qualitativamente superior. Assim temos que:

[...] a história da humanidade divide-se em três etapas, na forma de uma tríade dialética: “As relações de dependência pessoal [...] são primeiras as formas sociais; nelas, a capacidade produtiva humana só se desenvolvem em âmbitos restritos e isolados. A independência pessoal, construída com base na dependência em reação às coisas, é a segunda forma importante; nela, constitui-se pela primeira vez um metabolismo social geral, um sistema de reações universais, necessidades universais e capacidades universais. A livre individualidade, baseada no desenvolvimento universal dos indivíduos e na produtividade coletiva, social, considerada como patrimônio social, constitui o terceiro estágio. O segundo cria as condições do terceiro (ROSDOLSKY, 2001, p. 346).

Essa compreensão que capta a essência da história humana centrada na formação de sua personalidade e de sua liberdade não pode se limitar à simples compreensão do processo, mas, sobretudo, assentá-lo sobre as bases do real e do existente, ou seja, por dentro do desenvolvimento das relações sociais de produção, portanto da produção da vida, tanto material quanto espiritual.

Não se trata de conceber a história como uma sucessão de fatos, em que um prepara as bases para o outro que vem em seguida e assim sucessivamente como se a história tivesse finalidade (MARX e ENGELS, 2009) isto é, predeterminações evolutivas, o que rejeita as definições *a priori* da inevitabilidade do progresso e que, portanto, a construção do socialismo não estaria dada como certa, como a próxima fase da vida humana na terra, superando “naturalmente” o capitalismo.

Aqui não é simplesmente captar e fixar o existente na consciência e entendê-lo como um curso natural da história, mas, sobretudo, de transformá-lo revolucionariamente, situando-o como produto da ação dos homens no mundo real, em permanente transformação.

Então, a escravidão não tinha como fim a servidão, e o capitalismo não contém o socialismo. A história não é e não pode ser um suceder natural de fatos, e sim um

desencadear de ações humanas diante das necessidades e das possibilidades de transformações sociais, que podem ter as previsões confirmadas ou negadas.

Afirmar que o capitalismo fornece as bases para a construção do socialismo somente nos autoriza a dizer que até o momento a humanidade se encontra num estágio em que as forças produtivas possibilitam e ao mesmo tempo colocam a necessidade de superação do atual estágio de exploração e destruição da vida realizada pelo modo de produção capitalista.

Uma coisa é o canavial; outra, o álcool, a rapadura e o açúcar que se originaram do canavial. Mas, para isso acontecer, uma série de intervenções dos homens organizados no mundo real teve que acontecer, ou seja, será necessário pôr em curso, além das ideias, ações conscientes e organizadas para com os meios para atingir os fins.

Como bem disse o velho Trotsky, nem todas as crisálidas serão borboletas. Uma compreensão simples de que a possibilidade e a necessidade do canavial vir a tornar-se álcool, ou açúcar, não nos assegura que isso se dará na prática sem um direcionamento organizado por contingentes humanos com preparação correta nessa direção.

Que estão dadas as possibilidades e as necessidades do socialismo e que as bases da sociedade capitalista podem garantir essa construção não significa que isso estará dado, e sim, que é possível trilhar nessa direção. Se isso ocorrerá ou não, só a história confirmará sob a ação das classes em luta diante das alternativas colocadas pelas circunstâncias do capital em crise.

Há uma batalha em curso, não temos dúvida: por um lado, forças conservadoras que concentram suas energias na defesa da organização regida pelo mercado; do outro, forças conscientes e inconscientes buscam construir uma alternativa a essa anarquia, tentando colocar os esforços humanos no sentido de atender às necessidades da coletividade, o que se choca frontalmente com os interesses do mercado e com a existência do capitalismo.

Essa batalha pode ser mais intensa do que a dos hunos no século V, nos campos da Catalunha, tão brilhantemente retratada por um pintor alemão Welherlm Von Kaulbach, no século XIX, através da qual os guerreiros em luta prosseguem em combate mesmo depois de mortos, subindo aos céus. Assim como os espíritos dos guerreiros Hunos dos campos da Catalunha, que continuaram resistindo em

combate, acreditamos que os espíritos dos marxistas revolucionários, Marx, Engels, Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht estarão conosco na luta pela emancipação da classe trabalhadora de todo o mundo.

Para isso, os trabalhadores precisam construir uma direção unificada, capaz de organizar e conduzir a batalha das batalhas de todos os tempos, a revolução socialista internacional. Os elementos que podem alimentar essa revolução já foram forjados com o movimento operário no início do século XIX: a consciência de classe, a ambição dessa classe pelo poder com o propósito de dirigir seus destinos na construção de outra sociabilidade, onde toda a riqueza e todo o conhecimento, enfim, as forças produtivas desenvolvidas até então se coloquem à disposição das necessidades humanas em quantidade e qualidade, para que assim toda a humanidade emergja do reino da necessidade para o reino da liberdade – liberdade tão desejada e retratada em romances e pinturas como no quadro *A Barricada*, de Delacroix (1789-1863), representado uma visão romântica da revolução de 1830, na França, a liberdade guiando o povo.

No centro dessa pintura, uma mulher com os seios nus portando a bandeira da França na mão direita e um rifle na outra. A bandeira indica que a revolta tem causa, a arma, a permanente vigilância pela liberdade, os seios da liberdade nutrirão o futuro da humanidade, portanto, a liberdade personificada em uma mulher guia os revoltosos que não têm uma direção organizada, mas somente a liberdade como horizonte. Ora, por mais bela e sublime que seja a luta por liberdade, sem uma direção consciente com organização, método, programa e disciplina todos os esforços serão em vão.

Tomando como referência a fundação da Primeira Internacional, em 1864, já são mais de um século e meio que as responsabilidades colocadas pela história superam as direções construídas pelos trabalhadores, ou seja, até o momento nenhuma das direções esteve à altura das tarefas históricas colocadas pelo proletariado mundial. Já são quatro tentativas com a última ainda em curso, a IV Internacional, que por desgaste ou traição não foram capazes de assegurar uma resposta à altura das exigências históricas da luta pela superação da exploração de classe e pela emancipação dos trabalhadores.

Mas também é verdade que a cada fracasso dessas direções, outras são construídas, mesmo sobre condições adversas e desfavoráveis. Uma nova geração

de lutadores se ergue e toma a responsabilidade pela continuidade da luta, reconstruindo a solidariedade socialista e dando impulso a uma nova internacional. Foi assim diante do fracasso da I Internacional com a derrota da Comuna de Paris, em 1871; com a segunda, quando da eclosão da 1ª guerra em 1914; com a terceira, diante da ascensão do nazismo com a chegada de Hitler ao poder, em 1933; está sendo assim com a reconstrução da IV na atualidade.

De forma breve, podemos sintetizar o problema da seguinte maneira. Baseamo-nos na história da luta de classes e consideramos que as crises econômicas e sociais acontecem umas mais curtas e outras mais intensas, como, por exemplo, a grande depressão de 1873 a 1896; a de 1929 a 1945 e a de 2008 aos dias atuais³. Essas crises promovem transformações radicais nas organizações sociais e ocorrem por meio de guerras e revoluções, mas a revolução é um momento da luta aberta pelo poder e a definição de quem ditará os rumos da sociedade, ao mesmo tempo em que as revoluções não vêm com um manual que indica os caminhos que percorrerá que somente as forças em luta pelo comando da sociedade abrirão os caminhos e parirá uma nova sociedade.

Tomando como referência o cenário da primeira revolução operária vitoriosa que pôde chegar a isso pela intensidade da crise que ocorreu com a classe dirigente, quando paralisada pelos acontecimentos, não conseguia mais dirigir e, ao mesmo tempo, em que os explorados puderam pôr em marcha uma reação organizada e dirigida para tomar o poder político e governar por meio de suas próprias organizações.

Tudo isso, só pôde se colocar no horizonte quando a crise na sua intensidade e duração colocou a burguesia e o seu Estado em um cenário de completo atordoamento político, deixando-os paralisados. Somado a isso, a classe média que representa o dique de proteção da burguesia não conseguia cumprir mais esse papel, pelo contrário, foi a esquerda arrastada pela crise econômica e política da burguesia com seu governo, Estado e regime.

Nesse cenário, ainda precisou entrar em cena mais dois fatores fundamentais, ou seja, mesmo com a burguesia completamente perdida pelo tamanho da crise e

³ Para maiores esclarecimentos ver as seguintes obras: A era do capital de Hobsbawm; O capitalismo em crise: a natureza e a dinâmica da crise econômica mundial, editora Sundermann; o Sistema financeiro e a crise econômica mundial de Alejandro Iturbe. Bibliografia completa encontra-se nas referências

com a pequena burguesia ou classe média virando-lhe as costas_e indo à esquerda, ainda foi preciso algo mais: primeiro, o desejo, a vontade revolucionária dos operários, dos trabalhadores e de forma geral dos explorados para fazer a revolução, isto significa que a consciência revolucionária precisa estar presente de forma mais sólida, pelo menos nos destacamentos mais abnegados da classe operária e que já haja organizações preparadas para iniciar as tarefas colocadas diante dos desafios, o que nos coloca o segundo elemento, a existência do partido marxista revolucionário, o Partido Bolchevique que, reconhecido pelas massas e suficientemente maduro, propôs tomar o poder e para isso, estava disposto a travar uma batalha dirigindo a classe operária (TROTSKY, 2007).

Precisou atuar concomitantemente em três frentes: a primeira, a luta imediata, economicista, onde buscavam dar uma resposta objetiva às demandas concretas, imediatas, às necessidades dos trabalhadores e das massas em luta; a segunda, a luta pelo poder político, onde precisou informar, organizar, educar e mobilizar a classe operária e seus aliados para tomar o poder e prepará-los para governar os seus destinos. Finalmente, a terceira frente, em conjunto com as duas primeiras, a batalha ideológica, a luta permanente para preservar e desenvolver a consciência dos destacamentos mais destemidos da classe operária e aliados e ao mesmo tempo, convencer as massas que somente uma revolução socialista poderia oferecer a possibilidade de uma verdadeira mudança nas condições de vida da humanidade.

Essa revolução precisou colocar seu eixo de gravidade em duas linhas ao mesmo tempo: primeiro não pôde parar somente na derrubada do regime democrático burguês que se pautava pelo sufrágio universal, que conduz a luta de classes às vias mortas das eleições parlamentares. Precisava avançar para a destruição do Estado burguês e em seu lugar colocar o Estado operário com a democracia operária, em seguida, se adiantar para as mudanças na economia, expropriando a burguesia, mudando assim o sistema econômico de burguês para um sistema em transição sob o comando dos operários e finalmente, destroçar o braço armado da burguesia e em seu lugar levantar uma força armada com novo caráter de classe, a serviço da classe operária e seus aliados para assegurar pela força, a vitória da revolução e seu desenvolvimento e ampliação;

Segundo, precisou transcender as nacionalidades e se irradiar para outros países, necessitando se efetivar no campo internacional.

Em outras palavras, toda essa dinâmica social cansa e assusta pela grandiosidade das tarefas a serem cumpridas e nos ajuda a entender e aceitar as palavras do velho revolucionário Leon Trotsky “as revoluções são impossíveis de acontecer até que se tornem inevitáveis”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A Revolução de Outubro foi a mais grandiosa de todas as manifestações da desigualdade da evolução histórica...” (TROTSKY, 2010, p.138).

A evolução da vida que tem sua base na esfera inorgânica, mundo inanimado que mediante processo de interações entre elementos diversos vão dar origem a esfera orgânica – seres animados, que por sua vez seguindo a lei natural das transformações permanentes em unidade e diferenciação chega a esfera do ser social, dotado de consciência. Esse movimento nos mostra que o mundo está em constantes transformações marcadas por avanços e recuos no curso da vida.

A dinâmica que possibilitou ao homem interligar num mundo concreto, a linguagem, as ideias e a produção material tudo isso conjugado possibilitou a evolução econômica, política e cultural. Isso torna o homem diferente das pedras e dos macacos pelo simples fato de saber que sabe e fazer sua própria história, não como imagina, sonha ou pretende, mas em confronto permanente com as forças adversas da natureza e com a pretensão e o desejo de classes antagônicas diante da luta pelo poder em direcionar os rumos da sociedade.

A supremacia do modo de produção capitalista por sua capacidade de produzir riquezas materiais, nunca antes colocada pela humanidade, mas que ao mesmo tempo, contém uma enorme contradição, quando a produção é social e a apropriação é individual, ou seja, toda produção de riquezas é resultante do trabalho coletivo. Porém, há apropriação particular dessa riqueza, o que gera opulência e maravilhas em um polo e miséria e ignorância em outro, colocando para o conjunto da humanidade especificamente os explorados e oprimidos o desafio de superação dessas contradições.

Essa situação dá origem à luta de classes, a força motriz das organizações sociais divididas em classes, dominantes e dominadas, e ao mesmo tempo o desejo de transformar essa sociabilidade de explorados e exploradores em uma sociabilidade de igualdade e liberdade. Isso teve início de fato na União Soviética com Revolução de Outubro de 1917, que não aconteceu por acaso, desconectada do passado como também não ficou cristalizada ao seu tempo, mas que se desdobra em fases de avanços e recuos. “[...] A Revolução de Outubro é ‘legítima como primeira etapa da revolução mundial [...]’” (Trotsky, 2010, p.146).

Não só os ideais, mas tampouco as conquistas materiais e culturais da Revolução de Outubro foram jogadas na lata do lixo da história, pelo contrário, permanecem vivas no tempo e no espaço, pois assim como um fio de luz se transforma em um enorme guia na escuridão, o sonho de liberdade e igualdade em cada indivíduo, por menor que seja, assusta o gigante mercado mundial do lucro e da acumulação particular de riqueza. Esses sonhos podem ganhar corpo material ao se juntarem e de forma organizada e direcionada via Revolução de Outubro como a ocorrida na União Soviética, para assim, conectar os fios da história e dar continuidade à construção de uma sociedade emancipada.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 2ª Ed. São Paulo: Instituto Jose Luís e Rosa Sundermann, 2008.

HOBBSBAWM, Eric J. **A era do capital**, 1848-1875. 23ª ed.- São Paulo: Paz e Terra, 2015.

ITURBE, Alejandro. **O Sistema financeiro e a crise da economia mundial**. São Paulo, Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2009.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. Tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento; supervisão editorial de Ester Vausman. São Paulo/SP: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã**. SP, Boitempo Editorial, 2009

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MESZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx**. Trad. Port. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2001.

SAMPAIO JUNIOR, P. S. A. (org). **Capitalismo em Crise: A Natureza e Dinâmica da Crise Econômica Mundial**. São Paulo: Editora Sundermann, 2009.

TROTSKY, Leon. **A teoria da revolução permanente**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2010

TROTSKY, Leon. **Lições de outubro**. São Paulo. Editora Sundermann. 2007.

TROTSKY, Leon. **STALIN, o grande organizador de derrotas - A III Internacional depois de Lenin**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2010.

TROTSKY, Leon. **Questões do modo de Vida. A moral deles e a nossa**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.